

PRÓLOGO

Luís Guilherme d'Orey Sarmiento Blanc, solteiro, 29 anos, filho do cidadão belga Guillaume Blanc e da senhora portuguesa D. Maria Amélia d'Orey Sarmiento, era por todos reconhecido como sendo um homem culto e de promissor futuro. Capitão do exército português, instrutor na Escola de Guerra e colunista do jornal "A Situação"...

(periódico afecto ao governo sidonista e ao Partido Nacional Republicano)

...seria considerado um requintado cavalheiro cosmopolita se aos seus camaradas e amigos uma opinião fosse pedida.

Por tudo isto, não houve quem se não surpreendesse com os estranhos acontecimentos ocorridos na sua casa de Lisboa naquele dia 27 de Novembro de 1918, quando nas ruas se celebrava ainda o armistício da Primeira Guerra Mundial ocorrido duas semanas antes, e do qual o capitão Blanc fora testemunha privilegiada como militar e correspondente de guerra. Mas ninguém associou o sucedido ao fim do conflito, pois a lógica das coisas é por vezes muito obscura e muito incerta para quem não está por dentro do assunto...

(e às vezes, até mesmo para estes).

Assim sendo, os jornais que nos dias seguintes noticiaram o caso não avançaram com quaisquer explicações, tanto mais que se sentiam constrangidos por notórias incompreensões e por políticos pudores.

Em Colares, perto de Sintra, o cabo Teles só soube dos factos uns dias mais tarde e porque lhe disseram. O cabo Teles não lia jornais, coisa normal num analfabeto.

Porém, o cabo Teles compreendeu.

Lisboa, 7 de Agosto de 1918

Pela janela entreaberta do gabinete entram os misturados sons da tarde lisboeta, juntamente com um bafo de calor que a mísera ventoinha da secretária do ministro mal consegue debelar. O mais certo é ser por isso que as manchas de suor se vão acumulando na camisa do coronel, e que os óculos de leitura, pequenos e vagamente ridículos para tão convicto bigode, escorregam devagar pelo governamental nariz, obrigando Amílcar Mota a parar a leitura do dossier com uma regularidade militar para compor a metálica armação no trigueiro rosto.

O cheiro das “*Baunilha*” também não ajuda a desanuviar o ambiente, já que uma neblina fumegante enche toda a sala; a cigarrilha arde no cinzeiro e a fumarada é espalhada graças ao labor da ventoinha e às baforadas que o ministro sopra de cada vez que a saboreia, aproveitando o balanço da mão quando ajeita os escorregadios óculos.

«Quer uma, tenente Blanc?»

Não há dúvida, as “*Baunilha*” estão na moda; Sidónio Pais fuma-as às carradas desde que chegou ao poder, e o hábito alastrou a todos os ministérios, secretarias, subsecretarias, repartições e secções que querem mostrar fidelidade e submissão ao carismático chefe que, aliás, antes de chegar à presidência só fumava marcas mais baratuchas por salutar poupança...

(dizem os sidonistas)

...ou por mera sovinice...

(dizem os seus opositores).

«Obrigado, meu coronel... Perdão. Obrigado, senhor ministro.»

Amílcar Mota, claro, gosta da emenda; a modéstia pode ser virtude militar, mas não consta que deambule muito amiúde pelos corredores dos gabinetes governantes.

«Fortes, não são, tenente?»

«De facto, senhor ministro.»

«O presidente está sempre a fumá-las. Deve ter os pulmões mais negros que uma noite de trovões. Mas, chiça, é d’homem!»

Será, anui Blanc, enquanto se interroga porque se terá dado o cândido nome de “*Baunilha*” a tão afirmativas cigarrilhas.

Esquecido entretanto de tabagismos e das supostas machezas de Sidónio, o ministro retoma a leitura do dossier; qualquer coisa como uma trintena de folhas com alguns papéis soltos que vão caindo, de quando em vez, na secretária, entre o tinteiro de prata e o mata-borrão. A leitura do ministro é, aliás, vagamente displicente e até mal amanhada, com bocejos reprimidos um pouco a custo, o que leva Blanc a pensar que algo haverá de encenação em tudo aquilo. E como num palco, nem falta o teatral coro de putos ardinias cuja voz esvoaça da rua para o interior do gabinete...

(«Parlamento encerrado. Parlamento encerrado. A questão religiosa leva ao encerramento do Parlamento. Leia tudo no “Jornal da Tarde” »)

...como se Amílcar Mota, ainda mal afeito ao cargo de Ministro da Guerra, se sentisse pouco confortável na sua nova função, tal como um actor estreante se sente fatalmente espartilhado por um guarda-roupa a que não está acostumado. Nomeação recente, é bom de ver, numa República que produz governos ao ritmo de dois por ano e ministros ao ritmo das estações.

(«Presos em Viseu mais dois padeiros que punham serradura na farinha. Hoje no jornal “A Lucta” »)

Não faltarão, ecoando pela cidade, notícias do fecho do Parlamento, assembleia que, na opinião de muitos sidonistas, só serve para gastar dinheiro e ocupar espaço; tal como não faltarão as habituais notícias de falsificação da farinha, de crimes passionais...

(«Pai de família mata mulher à facada por ciúmeira e deixa órfãos três filhinhos ‘piquenos’. Leia hoje no “O Liberal”.»)

...ou até novidades da moda...

(«Veja a moda de Outono para senhora na “Ilustração Portuguesa”.»)

...tudo gritado pelas ruas e praças e vielas de Lisboa por ardinias descalços e ligeiros, cujos guinchos apelando à compra de jornais ecoam fortes, numa ansiosa disputa motivada pela concorrência e pela miséria.

«E contudo, mal se fala da guerra...»

Amílcar Mota fecha o dossier com uma solenidade bem medida, endireita de novo os óculos escassos e fita Blanc por entre neblinas abaunilhadas que a ventoinha, coitada, teima em não dissipar completamente.

«Perdão, senhor ministro?»

«Mal se fala da guerra. Meu caro tenente, você ouve os putos ardinias falarem da guerra? Umhas coisas de padeiros para aqui, uns pais de família homicidas para ali,

umas modinhas de senhora ou, quanto muito, a questão religiosa para não desrespeitar a fradaria... E mais nada. O português está cansado da política e da guerra, Blanc, é o que lhe digo.»

As rodas de uma carroça cham no largo defronte do ministério; ouve-se o praguejar de um carroceiro e gracejos de passantes.

«E contudo, a uns milhares de quilómetros deste ministério, enquanto nós estamos aqui nesta cavaqueira, enquanto um qualquer carroceiro diz ordinaries e os lisboetas dizem umas larachas, milhares de soldados nossos sofrem, Blanc. O país está em guerra e nas ruas fala-se de maridos ciumentos e na cor das ligas para este Outono.»

O ministro debruça-se para a frente como que a sublinhar a profundidade da reflexão.

«A guerra nunca foi popular, senhor ministro. Afinal, foi o Afonso Costa e os demagogos do Partido Democrático que nos meteram nisto.»

«Conhece alguma guerra popular, tenente?»

«Na Alemanha, em França, até na Inglaterra, saíram multidões para as ruas quando a guerra foi declarada, senhor ministro...»

«Decerto, tenente. E todos diziam que a coisa estaria terminada antes do Natal de 14. E já vamos no quinto ano de guerra. Além disso, as multidões não são coisa de fiar. Até os demagogos deveriam saber isso...»

A genérica designação de “demagogos” atirada pelos sidonistas aos adeptos do Partido Democrático depressa entrou na corriqueira linguagem oficial, se bem que para muitos esse fosse um epíteto vago e tolo que os sequazes desta auto-apelidada República Nova sidonista criaram por falta de imaginação e por preguiça lexical.

Na rua apregoam-se figos...

(«*Quem quer figos, quem quer almoçar?*»).

«O mais curioso, Blanc, é que parece que esta guerra deverá mesmo acabar antes do Natal. Do Natal deste ano, é bom de ver.»

Amílcar Mota bate repetidas vezes com a ponta do indicador direito no dossier exposto à sua frente...

«O que nos leva ao motivo pelo qual foi aqui chamado, meu caro tenente.»

...e sorri, dado a enigmas.

A verdade, porém, é que Blanc supõe porque o chamaram. De facto, já há algumas semanas que lhe murmuravam ao ouvido:

«Preparam-se grandes coisas para ti...»

Sim, era isso que lhe diziam nos corredores da Escola de Guerra, que lhe sussurravam na redacção do “A Situação”, que lhe bichanavam com oportuna amizade quando se cruzavam com ele nos bastidores do governo. E tal fê-lo compreender que alguma graúda missão lhe estaria destinada, percepção aliás reforçada pelos esgares invejosos dos seus camaradas d’armas e pelos sorrisos cheios de bons mal-entendidos das esposas jovens dos oficiais velhos.

«Antes de irmos ao assunto, deixe-me só dizer-lhe que o seu dossier é impressionante. Quase o invejo...»

A ponta do dedo do ministro insiste em pianar na capa acastanhada do dossier:

«Você esteve desde a primeira hora envolvido na Revolução de Dezembro que conduziu Sidónio ao poder. É um dos “cadetes do Sidónio”, como diz por aí o povo.

Boas referências: homem de confiança política da República Nova, instrutor na Escola de Guerra, colunista no “A Situação”... E é fluente no francês e no inglês, não é assim?»

«O meu pai é cidadão belga e tive uma preceptora irlandesa, senhor ministro.»

«Diz aqui que o seu pai também era militar. Pelos vistos, você teve bons princípios. Frequentou o Real Colégio Militar desde moço, teve boas notas no seu curso da Escola de Guerra... E falar três línguas não é para todos, homem.

E depois, claro, temos os seus famosos artigos.»

O ministro espalha na secretária vários recortes de jornal, lendo os cabeçalhos com uma voz sonora não de todo alheia ao já citado bichinho do teatro:

«“LAMA”.

Um título que diz tudo, não é assim, meu caro tenente? Este seu artigo parece que lhe deu alguns amargos de boca com os demagogos. Bem, mas tudo se resolveu, não foi?»

Amílcar Mota pousa a palma da mão no dossier. Ao retirá-la, percebem-se pequenas marcas de suor manchando a castanha cartolina da capa. Da rua vêm confusos sons em que patas dos cavalos se mesclam com os motorizados ruídos dos automóveis. Ainda se conduz à inglesa, pela esquerda. A Velha Aliança tem efeitos rodoviários.

«Mas vamos ao que importa. Pois bem, tenente, os alemães estão arrumados. Essa é que é essa.... A ofensiva de Abril deste ano foi assim como que o seu último esforço; e a bem dizer, se estiveram perto. Nós que o digamos...»

Blanc, ainda que amaciado pelo calor do estio e pelos vapores tabágicos, recorda-se bem da ofensiva de Abril. Os cabeçalhos do “A Situação” narraram o esmagamento do C.E.P. no dia 9, os mortos de La Lys, os prisioneiros levados às carradas para a Alemanha, a dissolução das divisões portuguesas no exército inglês. E mais os lutos...

«...e quando aos seus aliados... Os austríacos estão nas lonas. Consta que já nem têm pão na mesa...»

...e mais os prantos nas igrejas de província...

«...enquanto que os turcos estão de rastos; os gregos até já sonham em entrar em Istambul e voltar a chamar-lhe “Constantinopla”, veja lá...»

...e mais os “róis de desonra” postos a circular, e mais as culpas cuspidas nos pasquins, com os “demagogos” apodados de irresponsáveis pelos sidonistas por terem metido Portugal na guerra, e os sidonistas acusados de germanismo pelos velhos republicanos por abandonarem o C.E.P. à sua mísera sorte...

«...e os búlgaros já só falam em render-se. Os alemães estão a perder os aliados, meu caro.»

...e tudo isto num país amodorrado na sua tristeza secular e amarrado a uma guerra que não entende.

«Tenente Blanc, está-me a ouvir, homem?»

«Desculpe-me, senhor ministro. Claro que sim. Apenas me passaram pela cabeça os acontecimentos de La Lys.»

«Coisa terrível, tenente, coisa terrível. Perdi amigos, sabe? De alguns nem o capacete se descobriu...»

Amílcar Mota suspira, num estranho e momentâneo desconforto, fruto de más recordações e calor a mais.

(“Quem quer figos, quem quer almoçar?”)

As crónicas da frente, em Abril, falavam de soldados desmoralizados, com fardas em farrapos e mal nutridos, alvo da troça dos ingleses e dos soslaio dos demais aliados. Os relatórios falavam de mordomias dos oficiais na retaguarda contrastando com a pobreza da soldadesca e com a aflição dos escassos oficiais da frente, falavam de rixas ainda esparsas mas já preocupantes. Em surdina, as vozes do Estado-Maior falavam até de coisas piores: desobediências, abandono de postos, graduados que vinham de licença à pátria e já não voltavam. E discutiam-se as causas mais

desvairadas para tal descalabro, como se o mero facto de os homens do C.E.P. serem os soldados com mais tempo de combate e de linha da frente...

(não por coragem ou por bravata, mas por falta de meios para os substituir)

...não fosse motivo bastante para um descontentamento tão berrante que, vindo das trincheiras da Flandres, chegava a Lisboa mais depressa que o vapor de Brest.

«Bom, deixemo-nos de más lembranças...

Amanhã mesmo, tenente, vai acentuar-se a pressão aliada ao longo de toda a frente francesa. Entretanto, os americanos já começaram a chegar em grande número. Acredite, tenente, desta é que é. Isto vai estar terminado antes do Natal.»

Todas as dificuldades por que passa o C.E.P. se vão sabendo, claro está. Nem a censura às cartas oriundas de França nem a má propaganda conseguem mascarar a realidade que, já se sabe, é assim mesmo: tal como a água e a rataria, basta-lhe apenas uma fresta para entrar. Todavia, tudo é apenas murmurado, que aos poderes não interessa maiores desmoralizações e nas aldeias apenas o sussurro submisso das rezas se eleva.

«Os americanos, tenente, os americanos... Serão eles que vão alterar tudo. Chegarão a França às centenas de milhar nas próximas semanas, mais os muitos que já lá estão desde há uns meses. É uma questão de tempo até os aliados entrarem em Berlim, é o que lhe digo. Quando os pratos de uma balança estão equilibrados, um peso a mais num dos lados muda tudo. E os americanos são desequilíbrio de peso...»

“A Situação” lá vai, de quando em vez, descrevendo o estado esfarrapado do C.E.P. nos seus artigos. Mal, claro, e acusando os anteriores ministérios, como é timbre de um jornal governamental. Os jornais da oposição que vão escapando à malha autoritária também vão dizendo umas coisitas, e também mal, mais propensos a criticar a suposta germanofilia de Sidónio que em relatar erros antigos. E assim tudo confirma o aforismo segundo o qual, numa guerra, a verdade é sempre a primeira vítima. Sim, Blanc, sabe tudo isso. Tal como sabe que dos soldados portugueses pouco mais há a esperar senão que aguentem com paciência até ao fim, perante o desdém inglês pela desorganização proverbial desses bisonhos latinos, desdém todavia mesclado com uma contida admiração pela sua insana capacidade de resistência.

«Ora eu mandei-o chamar, tenente, por isto: o presidente Sidónio Pais escolheu-o pessoalmente para elaborar um relatório sobre as últimas semanas da guerra. Partirá para França dentro de poucos dias. De comboio, claro. O vapor para Brest já não presta serviço há vários meses...»

Da rua vêm risos de moçoilas; é bom que risos ainda subsistam depois das provações dos derradeiros anos. As femininas gargalhadas sobrepõem-se ao calor e ao fumo. Blanc lembra-se da sua preceptora irlandesa, cujo riso franco e aberto também enchia a casa paterna do Príncipe Real.

«Parece que há uns meses, em meados de Abril, você se ofereceu para ir para França... Louvável empenho o seu, sobretudo num leal sidonista que sempre considerou a nossa participação na guerra como um disparate. E sobretudo quando os oficiais que lá estão já só pensam em regressar. »

«Na altura o meu pedido foi indeferido por conveniência de serviço, senhor ministro. Sim, é verdade que fiz empenho nisso. Mesmo não concordando com a nossa participação, entendo que o dever de qualquer militar é honrar a farda e nunca abandonar os seus soldados.»

«Bom, tanto melhor que não tenha ido nessa altura. Agora ser-nos-á bem mais útil.

Nesta pasta estão vários documentos. Um salvo-conduto assinado pelo próprio presidente, mapas, uma lista de contactos seguros, vales para levantar verbas nas tesourarias das unidades e outras coisas avulsas. Terá um ordenança e uma viatura ao seu dispor e os nossos oficiais de ligação abrir-lhe-ão as portas que quiser. O seu contacto directo será o major Sá Freire, que o espera no quartel-general do C.E.P. em Ambleteuse, na região de Pas de Calais. Esteja à vontade com ele; é dos nossos. Sidonista rijo...»

Com o lenço enrodilhado na mão direita, o ministro limpa finalmente o suor que lhe escorre do rosto. Já era tempo...

«Fale com os Estados-Maiores, acompanhe as derradeiras ofensivas... Em resumo, Blanc, meta o nariz no que puder. Queremos não só que nos relate as reais condições na frente, mas sobretudo que descreva os novos avanços introduzidos pelos americanos: novas armas, novas tácticas, novos métodos... Tudo, entende? Tudo o que pudermos aprender com esta guerra. Este é um comboio que não queremos perder.»

Na rua, as moças ainda riem. Sim, a preceptora irlandesa ria-se daquela forma, com aquela alva sinceridade e com aquele prazer. Era o mesmo riso que ele lhe escutava quando iam a Cascais no Verão e brincavam nas pequenas ondas da baía; era mesmo o riso que ele via lentamente sumir-se-lhe do rosto quando ela mirava as lonjuras da baía, talvez porque a imensidão do mar lhe lembrasse a sua ilha ainda sob jugo britânico. Talvez. Vá-se agora lá saber...

«Escuso de lhe dizer que esta missão pode ajudá-lo muito. A República Nova veio para ficar e precisamos de jovens leais e decididos. Afinal, não estamos mais sujeitos à insensatez dos partidos tradicionais. Os velhos republicanos e os monárquicos têm os dias políticos contados, e os sindicatos e os anarquistas serão também domados; é tudo uma questão de arrumar a casa.»

Amílcar Mota ilustra a frase com um varrer de mão sobre a secretária, assim enfatizando o seu desprezo pela velha ordem e espalhando a cinza das “*Baunilha*” pelo chão.

«Mas tenha cuidado lá em França. Os seus artigos no “*A Situação*” granjearam-lhe inimigos entre os demagogos. Decerto se cruzará com algum por lá. Muitos estão ainda ao serviço do C.E.P., e um campo de batalha não é um bom sítio para termos atrás de nós alguém que queira saldar contas antigas...

Seja como for, confiamos em si. Precisamos de homens tesos e fiéis para o futuro. Cá para mim, ainda vamos ouvir falar muito de si.»

A confiança do ministro...

(mais ainda, do próprio Sidónio)

...envaidecem Blanc por momentos, tal como os galanteios dos cadetes da Escola de Guerra acariciam o ego das costureirinhas e das sopeiras que passam defronte do Paço da Bemposta.

«Espero estar à altura, senhor ministro.»

«Decerto estará, Blanc. Precisamos de si tal como o seu futuro precisa de nós, entende? É verdade, já agora informo-o da sua promoção a capitão. Não queremos que entre nos Estados-Maiores e nos Quartéis-Generais como mero oficial subalterno, pois não?»

A mão que o ministro lhe estende na despedida está suada e uma folha esvoaça pelo gabinete, varrida pelo sopro da ventoinha. Seja por essa imagem, seja por qualquer outra coisa, Blanc lembra-se uma vez mais do C.E.P. varrido pelo ataque alemão de Abril. Na redacção do “*A Situação*” um velho jornalista chorava ao ver a lista de mortos do dia 9 e murmurava...

«Cabrões, cabrões...»

...num insulto vago e dirigido a desconhecidos alvos. Alguns garantiam que, nesse dia, o próprio Sidónio também chorara o que, aliás, só aumentara o seu panache junto do mulherio que lhe apreciava o garbo marcial e, pelos vistos, também a tão

humana e portuguesa tendência para a lagrimita, que nelas devia despertar ardores maternos.

«Obrigado, senhor ministro.»

«O meu carro poderá levá-lo a sua casa, Blanc. Ou vai passar pela Escola de Guerra primeiro? Como o Paço da Bemposta é perto...»

Ao sair do ministério, Blanc constata como, apesar de tudo, a ventoinha lhes dava um certo consolo; o bafo da tarde estala-lhe no rosto ainda inebriado pela honra da missão e pelo fumo das cigarrilhas. Na praça não se vêem as mocitas cujo riso ainda há pouco enchia o gabinete. Por perto há um ardina, uma vendedora de figos e o condutor do ministerial carro negro que lhe abre a porta colocando-se em sentido.

«À vontade, nosso furriel. Eu vou a pé.»

E Blanc compra uma dúzia de figos para disfarçar o sabor agreste das “*Baunilha*” que ainda lhe seca a boca.

2

Hendaia, 17 de Agosto de 1918

A verdade é que o Hospital Militar Português de Hendaia já conheceu melhores dias. Por “melhores dias” entenda-se “dias de maior actividade”, o que neste caso até é bom pois isso é sinal que os feridos são mais esparsos e se morre menos e há menos amputações e menos gaseados e menos tudo aquilo que, afinal, define um hospital, seja ele de campanha ou não. Da gare de Hendaia chegam agora menos feridos da frente, a norte, e por aí vão também menos feridos recambiados para Lisboa, a sul, com o comboio fazendo as vezes dos vapores que não são já fretados como antes.

Postados nos degraus da enorme porta, sob três arcos de volta perfeita virados para uma avenida larga com candeeiros de bronze representando atletas segurando globos, estão para aí uns seis convalescentes, não mais, seis feridos semi-entrapados em silêncio. Uns dois ainda têm a farda azul clara do C.E.P. vestida algo a trouxe-mouxe...

(farda cuja cor, aliás, faz sorrir os aliados por ser muito enxovalhada e dar um aspecto sujo aos soldados portugueses, muitos deles, de resto, pouco dados a profundas higiènes)

...enquanto os demais vestem uns remendados pijamas do hospital; e todos olham inertes para a avenida e para um ou outro carro que, de quando em vez, passa. E tudo é vagamente triste: o silêncio, os corpos nus dos atletas-candeeiro erguendo

globos apagados, o olhar vago dos convalescentes e sobretudo a enormidade -agora um pouco oca- do Hospital, um edifício que servira de casino até passar a ser o pouso dos soldados portugueses feridos na frente de batalha.

Não é difícil a Blanc imaginar a actividade que aqui se vivia antes da guerra: os *Hispano-Suiza* ou os *Bugatti* estacionando defronte da larga entrada, as librés correndo para abrir a porta dos carros a novos-ricos convictos de que o desprezo pela criadagem é timbre de gente endinheirada, os olhares cravados na esfera da roleta ou nas cartas do *blackjack*, os risinhos tontos dos vencedores de momento, a angústia não muito bem disfarçada dos perdedores profissionais...

Não é igualmente difícil a Blanc supor do contraste com a actividade de agora: as correrias na ala esquerda, onde as quase 50 camas enquadram a sala das radiografias; as ordens na ala direita, onde as mais de 60 camas dão serventia à sala de operações; os caixotes com dísticos em francês...

Pharmacie Regional de Bordeaux

...amontoados nos armazéns e os cartazes profilácticos espalhados pelas paredes com textos amplos para melhor instrução sanitária de soldados que, por serem iletrados na sua maioria, não os lêem.

«A verdade é que desde Abril que a coisa diminuiu, meu capitão. Depois de La Lys os nossos homens foram dispersos pelas unidades inglesas para trabalhar como serventes e cavadores de trincheiras. Deixámos de ter serventia para mais...»

Mal se apercebe o alferes-enfermeiro da indiferença com que constata da actual inutilidade do C.E.P., indiferença que Blanc atribui ao facto de o homem ser miliciano, provando-se assim que o espírito militar não se forma com um par de meses de mal-enjorcada instrução em Tancos.

«...se é que alguma vez tivemos outra serventia nesta maldita guerra que não fosse a de ser de carne para... »

O alferes-enfermeiro pára, como se de súbito percebesse o que quase ia dizendo.

«Desculpe-me, meu capitão.»

«Não faz mal, meu alferes. Só não repita isso muitas vezes.»

«Seja como for, meu capitão, aqui o número de feridos diminuiu com a afastamento da frente da maioria das nossas divisões.»

Um dos soldados em convalescença, recostado numa das camas da enfermaria, começa a tocar uma harmónica, que a “Malta das trincheiras” ...

(como gostam de ser designados)

...chama sempre de “gaita de beiços”. Não é preciso muito para que dois ou três o acompanhem, num desafinado trauteio:

«Cavai, cavadores, cavai

Que o cavar é doce e bom

Até cava aquele que vai

De passagem para o Front.»

«E isto é o quê?»

«Um fado das trincheiras, meu capitão. Uma versalhada onde nem sempre há métrica certa...»

«Cavam na 1ª linha

O alferes e os soldados

Quando deles se avizinha

Um morteiro dos diabos.»

«Compreenda... É gente que sofreu muito, meu capitão. Exigiu-se demasiado deles e em condições ainda mais duras que ao resto dos nossos aliados.»

«Tudo cava lá na frente

Mesmo nas segundas linhas

O capitão e o tenente

E o pessoal das cozinhas.»

Mas Blanc não os censura pelo evidente derrotismo. Afinal ouvira já falar desses sofrimentos; desde há bem mais de um ano que os periódicos vão ocasionalmente denunciando estas coisas, e desde há muito também que o velho jornalista corria a redacção do “A Situação” aos gritos...

(«Cabrões, cabrões!»)

...acusando com igual falta de parcimónia as chefias militares e as lideranças políticas pela incipiência e desorganização do Corpo Expedicionário, que com tanta pompa e música de marcha tinha sido enviado para a Flandres, em Janeiro de 17, nos vapores de Brest. Quando ainda os havia, claro.

«N'esta vida de avanço

A cavar como se vê

Se o boche faz um avanço

Cava todo o C.E.P.»

O alferes enfermeiro-chefe reprime o riso quando a harmónica e os versos se calam e a enfermaria retorna o silêncio do costume. Ninguém aplaude.

Duas Damas-Enfermeiras -designação oficial- passam conversando e sorrindo. Dir-se-ia que, por instantes, se abrem duas janelas em extremas opostas do corredor, e uma brisa branca e sã desliza ligeira pelo lajeado branco.

«Boa tarde, senhor capitão. Olá, Abreu.»

O alferes Abreu, enfermeiro-chefe, também lhes sorri:

«Aqui... bem vê, meu capitão, com as dificuldades e com as coisinhas do dia-a-dia, as hierarquias esbatem-se. Por isso esta familiaridade. E elas, se formos a ver bem, não são militares.»

«Deixe lá, meu alferes, eu não venho em inspecção. Estou de passagem para Ambleteuse. Só aqui vim porque o comboio que me transporta teve uma avaria na locomotiva e foi obrigado a parar na estação de Hendaia. Só estará reparada logo à noite.»

Sidónio Pais inaugurará ainda, até ao fim de Agosto, duas Escolas de Enfermeiras Militares, o que motivará comentários um pouco reles de alguma canalhagem chula que se divertirá, no sossego dos bancos de café, a imaginar supostas “sem-vergonhices” nos hospitais das segundas linhas.

«...contudo, meu capitão, vi eu muita vez os mais duros soldados a chorarem de gratidão junto a estas enfermeiras. E nunca um só lhes disse coisa ou lhes fez gesto de menos respeito. Para os nossos homens elas são uns verdadeiros anjos, meu capitão.»

Num dos corredores, um soldado sem uma perna dita a uma outra dama-enfermeira:

«Querida mãe, peço a Deus que estejais bem que eu cá vou indo...»

Por vezes cala-se e hesita. A enfermeira suspende a caneta e, já acostumada, sugere:

«Não lhe quer perguntar pelas suas courelas?»

O soldado passa a mão repetidas vezes no penso enorme que lhe cobre o coto e mal consegue disfarçar o tremor na voz. Com a mão livre tapa a vergonha nos seus olhos.

«Então?»

A voz da enfermeira é quase sumida...

«Então o que é isso?»

...quando lhe pousa a mão no ombro.

Nenhum dos dois repara em Blanc ou no alferes.

«Sabe qual é, as mais das vezes, a última coisa de que eles falam quando agonizam, meu capitão?»

«Calculo.» responde, Blanc.

A enfermeira insiste ainda, sem pressas:

«Ora então vamos lá: 'Querida mãe...'»

O soldado, analfabeto como a maioria e ferido como muitos outros, retoma devagar o ditado, entre lágrimas reprimidas muito a custo e sorrisos somente mal esboçados.

Numa mesa, uma pilha de cartões-postais militares aguarda o preenchimento regulamentar. Mais não são que meros e impessoais formulários que repugnam aos soldados sedentos de calor humano, mesmo se emanado de palavras ditadas a enfermeiras.

O alferes garante que os cartões-postais militares não são muito usados pelos homens. Os que sabem escrever, ainda que mal, preferem arriscar-se a que os parentes os não entendam e lá alinhavam uns textos mal-paridos, se bem que chorosos e sinceros de saudades. Os que não sabem, escolhem as damas-enfermeiras para o serviço de tabelião, ainda que as mais das vezes mal consigam disfarçar as lágrimas à frente delas. Seja como for, mesmo os regulamentares postais não escapam à severa unha da censura.

«Quer um chá antes de se ir embora, meu capitão? Há um *estaminet* simpático defronte do hospital.»

«Um café, não digo que não, meu alferes. Agora chá, para mim, é água chilra.»

A tarde fresca dos Pirinéus atlânticos faz sentir a sua brisa, que a cantábrica praia perto mais acentua.

«Bom para os pulmões.», dizem.

Na desembocadura do Bidasoa, há ainda pescadores; por vezes, os soldados feridos que conseguem andar pelo seu pé e têm tino para não se perderem em terra estranha, vão até ao porto ou até à baía de nome bizarro...

(*Txingudi*)

...relembrar memórias litorais ou simplesmente mirar lonjuras. São os mesmos que, há 20 meses, enjoaram como danados nos vapores que os levavam do cais de Alcântara para as Bretanhas. Agora, postados em pequenos grupos ao longo do areal,

até o mar lhes parece igual ao da sua terra, mesmo que esta não tenha mar nenhum, e conseguem achar belos os agrestes promontórios rochosos a que os franceses chamam “*les jumeaux*”. Sim, dizem que estes ares são bons para os miasmas nauseantes e venenosos que enchem os pulmões dos gaseados. Na verdade não há certezas. Os médicos, tal como os feridos de um ataque de gás brometo, também andam às apalpadelas.

Por vezes desce uma neblina sobre a baía prometendo mistérios e distâncias, o que deixa os homens ainda mais saudosos.

«Boa sorte, meu caro Abreu.»

«Perdão, meu capitão?»

«Boa sorte, caro Abreu. Deixe lá a saudação militar e obrigado pelo café. Agora tenho de voltar ao comboio. Como lhe disse, não vim aqui oficialmente. Olhe, acabou por ser um acaso.»

Cai já a tarde quando o vulto do alferes-enfermeiro fica para trás, entrevisto no vidro traseiro do táxi à medida que este se afasta do portal do Hospital Militar Português, de onde já se recolheram os feridos por causa da humidade que vai tombando. O braço do homem está ainda no ar, num gesto muito mais civil que marcial. Não, o Abreu nunca há-de ser um militar, mas também cada um é para o que nasce.

O taxista, num equívoco muito lógico, pergunta a Blanc se o ferimento que o levou ao Hospital Militar foi grave e deseja-lhe felicidades quando o deixa na gare, onde o comboio que veio de Lisboa está já pronto, depois de quase um dia para reparar a locomotiva avariada. Aqui só viajam oficiais. Os sargentos e os praças estão desde há muito impedidos de viajar por caminho-de-ferro, a não ser que paguem o caríssimo bilhete do seu bolso, claro, que o Estado português não é a Santa Casa, ora essa... Quando, por fim, o comboio parte de Hendaia rumo ao norte, é já noite alta.

A correspondência do C.E.P. demora cinco dias a chegar, por via-férrea. Quando as coisas funcionam, cinco dias nem é mau, diz quem sabe.

Blanc, recostado na cabina partilhada com dois tenentes e um major...

(que ressona com uma dignidade de caserna)

...vê passar pela janela a penumbra da Aquitânia, e retira do bolso do dólman a fotografia do homem que jurou a si mesmo encontrar, em França. Por momentos, observa-o, como tantas vezes tem feito nos derradeiros meses... Depois, arruma a

fotografia na pasta, e pensa uma derradeira vez no fado das trincheiras cuja métrica, afinal, até nem era má de todo.